

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--18 de Agosto-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

65

sempre

**fifis** semanário humorístico



6-Avença Sr.  
Ex.º Sr.  
Kol de Alvarença  
Rua Brito Capelo

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

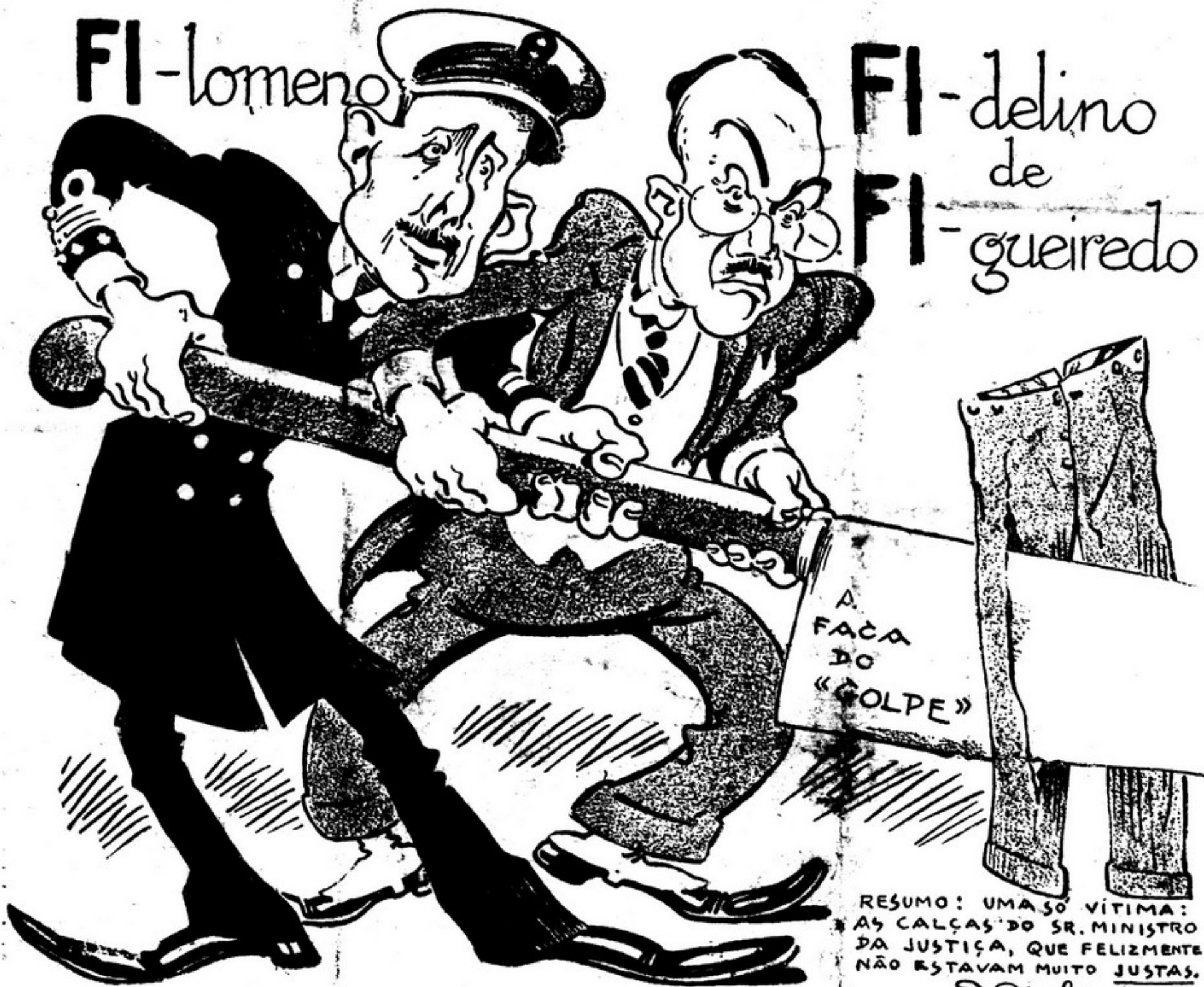
DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# O "golpe" dos "Fifis"

FI-lomeno

FI-delino  
de  
FI-gueiredo



RESUMO: UMA SO VITIMA:  
AS CALÇAS DO SR. MINISTRO  
DA JUSTIÇA, QUE FELIZMENTE  
NÃO ESTAVAM MUITO JUSTAS.

*J. Valença*

FI + FI = FI...asco



## Os ditos da semana



Isto agora vai. Finalmente reina a paz e a concordia nas ruas e nos espiritos. Já não ha quem grite que Lisboa é uma cidade inabitavel, porque, por dá cá aquela palha, andam os desordeiros na rua aos tiros. Agora os tiros dão-se dentro de casa, em familia, para socego da população.

Acabou-se a era dos trocantis. Os homens apresentam-se tal como são, hoje como ontem, coerentes, firmes nas suas convicções. Quem é monarquico é monarquico, quem é republicano é republicano. O sr. Fidelino de Figueiredo, a quem o vulgo, depois de lhe terem despejado, na Biblioteca, um tinteiro de tinta preta na cabeça, ficou chamando—o *Cabeça de tinta permanent*—jurou aos seus deuses nunca mais mudar de convicções. Conservar-se-ha monarquico durante quinze dias. Para ele, quinze dias é uma eternidade, pelo menos enquanto jazer a ferros.

A Amadora, que era apenas um centro de aviação, passa a ser centro de operações militares.

O sr. Filomeno da Camara, que se julgava o *Desejado*, continuará na situação anterior — a de *Desejoso*... de ser ministro.

A ordem foi mantida pelo sr. Passos e Sousa, quando estavamos a dois passos da anarquia, e as colonias vão ser povoadas com gente de todas as côres para vêr se se consegue que os pretos vão perdendo a côr que tinham.

A Republica está firme porque o sr. ministro da Guerra não é homem de duas palavras e sempre é mais facil ir á Amadora do que ir ao Porto.

Por enquanto, a Rotunda mantem-se no mesmo lugar, mas, se fôr necessario, transfere-se para a ilha Graciosa enquanto o diabo esfrega meio olho.

Tiros nunca mais ha e, se fôr preciso, traz-se a carreira dos ditos de Pedrouços para Belem. Feito tudo isto, reina a paz em Varsovia.



Acaba a Igreja de manifestar-se contra os touros de morte. Quem quiser ser bom catolico não pode entrar na Praça do Campo Pequeno. A Igreja não pode suportar que se martirize alguém e, por

uma questão ancestral de principios, só pode permitir a morte pelo fogo.

E' assim desde a Biblia. Quando Jehova se aborrecia com a humanidade, mandava-lhe o fogo do céu, por isso a Igreja nunca protestou contra as bandarilhas de fogo que, para os pobres touros que olham para baixo, sempre davam a ilusão de fogo do céu.

A Igreja não pode deixar passar sem protesto um acto de crueldade. Nesse ponto parece-se flagrantemente com a Associação Protectora dos Animais.

Nos saudosos tempos da Inquisição, a humanidade era passada pelas brazas para que a alma dos pecadores se salvasse e ninguém protestava, porque a humanidade só

excepcionalmente é composta de touros.

Mas ha aficionados que são catolicos. Que lutas tremendas não vão desenrolar-se no fundo das consciencias, entre a igreja de S. Domingos e o Campo Pequeno?!...



O vulcão chinês—agora chama-se-lhe assim—continua em erupção. O general Chiang-Kai-Shek chegou inopinadamente a Xangai para evitar que os nordistas tomassem Nankin. Não se comprehendem bem os cuidados de Chiang-Kai-Shek para que os seus inimigos não tomassem Nankin. Talvez não fôsse mau para os destinos da China que os chineses, que já são

amarelos por fóra, ficassem pretos por dentro, a não ser que Chiang-Kai-Shek tenha envenenado toda a tinta de Nankin e não queira arcar com as responsabilidades de um envenenamento colectivo.

Seja como lór, o que parece assente é o desterro dos adversarios de Chiang-Kai-Shek para umas ilhas da costa chinesa, com passagem pelas masmorras, onde não ha comodidades, mas onde tambem não ha maus tratos. Chiang-Kai-Shek, segundo resam as folhas, tomou a deliberação de os pôr a ferros por não haver legação alguma estrangeira onde os caudilhos se pudessem refugiar.



Os ultimos acontecimentos já pouco dão que falar. A historia vai julgar os homens que neles intervieram, mas a nossa obrigação é concorrer, por todas as lórmãs, para que a historia seja esclarecida.

Descobre-se, desde já, a magia dos nomes. Ha nomes fatalmente destinados ao insuccesso. O sr. Filomeno da Camara, por mais tentativas que faça, não alcança o bastão de marechal. E o sr. Fidelino de Figueiredo não consegue guindar-se ás cadeiras do poder.

Porquê? A maldita magia dos nomes! Não se pode ser *Fi* neste país. Nem *Fi-lomeno*, nem *Fi-delino*, nem *Fi-guei-redo*, talvez porque o radical *Fi* anda desacreditado por ser tambem o radical da palavra *fifa*. E que formidavel *fifa* deram os grandes *Fi-lomeno* e *Fi-delino* de *Fi-guei-redo*.

A coisa já não vai sem outra afinção.



Leon Daudet, foragido na Belgica, anuncia uma nova guerra dentro dum prazo muito curto. Um ano!

Fazendo a sua profecia e falando como uma pitoniza, Daudet espalha aos quatro ventos que a invasão começará pela Belgica, onde se refugiu.

Se não procurou aquele exilio para aguardar resignadamente um suicidio, Daudet não será capaz de explicar porque preferiu a Belgica para refugio. Ou terá Daudet, tão bem informado como em 1914, alguns amigos entre os invasores?

## Dr. Magalhães Lima



Em 16 anos de Republica, ninguém fez Presidente. Brio faz-se, embora a lapis. J. Delanço

1927

**O eterno apalxonado da Republica.  
Ama-a com o ardor dos vinte  
anos que nunca deixa de ter**

## PROSA DE CHA VELHO

Certa joven da Letonia que foi ao Campo Pequeno ver uma das ultimas corridas contou assim as suas impressões:

«—La procession (as cortezias) c'est très jolie et à beaucoup de cérémonie. J'aime aussi l'homme de la mantille (o capote), mais je deteste le lancier!»

A joven chamava lancier ao cavaleiro. Do facto dão-se testemunhas no Mazm's.

\* \* \*

O E. M.—que nos comunicou a anterior gracinha—entrou explorando a ingenuidade daquela e d'outras jovens, perguntando a uma delas se gostava de touros:

—Se gosto!—respondeu a ninfa com entusiasmo de boa aficionada e pondo os olhos em alvo.

—Pois então és tal e qual como as vacas—concluiu o Maia, que já foi ao «Eden»...

\* \* \*

A mesma aficionada perguntou o mesmo aficionado á blague:

—Sabes porque se babam as touros?

Pasma da aficionada, que põe cara de vitela francesa.

—E' muito facil—responde o M.—é que não sabem cuspir!...

\* \* \*

O Matos Sequeira, com a eterna mania de andar entre cadavores e velharias, colaborou no protesto de varios falecidos Papas e pensadores que pensaram mal disto dos touros. Escreveu o arqueologo da Curia que vá a Espanha quem quer ver touradas á espanhola.

Confessemos que o simpatico tirano nos obriga a uma custosa viagem e competentes complicações aduaneiras, quando afinal o espectáculo se podia dar aqui e sem o dinheiro de cá sair. Bastaria que a entrada não fosse obrigatória, indo lá apenas os que se não impressionam nem delegam no Matos Sequeira as responsabilidades da grei perante o conceito mundial.

O Gustavo devia aplicar a mesma dureza ás imoralidades francesas, obrigando a ir a França quem as quisesse presenciar.

Mas, não senhor... Paul Margueritte. Impingiu-nos a Garçonne e, apesar dos protestos, que não se verificam nos touros (que aquilo parecia uma praça de touros!) lá foi por deante com a sua, dando mostras de não se importar com a opiniao dos outros. A verdade é que os outros, nisto dos touros, tambem se não importam com a dele.

### Perez la chaise.



—Ah! patife, que me partes a arvore...

# Amôr e Gloria

## Autobiografia de um futurista encravado

Irrei! Irrei! Estou farto de ser celebre! A gloria sabe deliciosamente, mas cansa, com um milhão de demónios!

Quando eu era desconhecido, cheguei a ter inveja do Gago Coutinho, do Charlot, do Dempsey e de Cheri-Bibi. (Hoje estou farto, fartissimo de tanta celebridade!)

As tubas da Fama fazem ecoar o meu nome aos quatro ventos, como se eu fosse o Depurativo Dias Amado, as Pilulas Pink ou o Poeta Sevilha.

As entrevistas succedem-se, os cigarros esgotam-se, as mulheres cubicam-me, os homens odeiam-me e os da minha geração, se pudessem, enguliam-me vivo.

Ha quem imite o meu modo de andar, o corte das minhas calças, o comprimento do meu nariz e a despreocupação acentuadamente democratica do vestuario.

Indaga-se quem é o meu barbeiro, o meu alfaiate, quem me vende os chapéus, os lenços e os colarinhos. Se uso botas de elastico, escaarpins ou sapatos á «papo-sóco»; se gosto do cães como Newton, ou de gatos como o Fialho; se frequento o Tavares rico ou o João do Grão; se tenho assinatura em S. Carlos ou camarote nos touros; se ando a pé, a cavallo, de gatas ou de automovel; se tenho banho diariamente ou se me lavo apenas aos domingos.

O correio todos os dias me traz livros novos, que os camaradas me oferecem com lisongeiros dedicatórias. São tantos que já nem sei onde os hei de pôr.

Em Lisboa não se pode ser celebre. Ser filho do genio, nesta maldita terra, é pior do que ser filho da mãe!...

Chamo-me Geraldo Sem Medo, e singular contraste!—desde que sou celebre tenho medo de mim mesmo! Em toda a parte onde apareço, o povo leva-me ao colo.

Todos me querem conhecer. Ontem,

porém, é que eu senti bem fundo a amargura da celebridade.

Estava no S. Luís, pacatamente, a ver o «Barba Azul», quando, num dos camarotes, descobri uma mulher — ai filhos! — capaz de tentar um anacoreta da Istria, quanto mais a mim, pobre pecador de carne fragil... Uma mulher, rapazes! que era o prototipo da beleza grega, com nariz grego, rosto como o de Aspazia, braços doricos, olhos cor do céu do Parnazo...

Estava sentada ao lado do ministro da Instrução. Tinha uma boca tão linda que o camarote de boca, donde ela assistia ao espectáculo, ao pé dela era uma vergonha!

Toda a noite levei a olhar para a deusa, a fazer-lhe sinais, a sorrir-lhe, a devorá-la...

Pois quando a esperava á saída do teatro, quando me preparava emfim para o rapto, escondendo-me na sombra duma viela, — céo! — a multidão dos meus admiradores caiu-me em cima e levou-me em ch...rola para o Rossio...

Que azar! E pensava eu em casar!... Uma princeza que o pincel de Boucher immortalizaria na tela!

...Pois os malditos obrigaram-me a subir ao pedestal da estatua e tive que recitar um soneto a um policia sinaleiro!

Quando os velhos e as crianças me atiravam beijos e flôres, os revolucionarios da Brasileira, julgando que eu era monarchico, acorreram de mocca em punho... e aquilo é que foram «beijos de mãe», só escolas sa-meias!...

Valou-me neste horrivel transe um redactor do Sempre Fixe, que conseguiu convencer os meus inimigos de que eu era apenas uma autentica gloria nacional, digna dum museu, duma academia ou dum fadinho de revista...

(Continua).

Geraldo Sem-Medo.

## HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



O alfaiate — Bons dias. Recordase que me prometeu pagar hoje a conta.

O freguez — E' verdade. Empreste-me a caneta que eu passo-lhe já um cheque.



—Olha, Lola. O cavaleiro dos olhos ternos que ahí anda todos os anos. Quo fará ele?

—Espera que chegue o outono para se ir embora.



—Oh! não ter eu casado com um grande aviador, com um grande atleta, com alguém que houvesse batido o record de qualquer coisa!

—Tenho um furunculo no pescoço vai fazer vinte anos. Humilde, silenciosamente, bati todos os records.



Novissima invenção de traje de segurança para jogadores de foot-ball.

## NO POLITEAMA



—Que aldeia, seu Péreira!...

# COISAS RARAS

Vocelencias lembram-se do chapéu alto, não é verdade? Pois chegou a ser uma coisa e hoje já o não é para certas gerações, porque nunca os viram. O regalo, o *lorçon*, o espartilho de barbas, os fatos cintados, tudo isso passou á historia dos nossos dias, no falando no *ournure* e no anel ligado á pulseira, que é dos meus dias, mas de uma outra geração sim, porque eu já vivi durante duas gerações, não contando que durante a primeira vi representar no teatro em conjunto, o que para a segunda não é coisa rara porque nunca a viram nem calculam o que isso fosse ou tivesse sido...

Eu, neste caso, trato sómente dos nossos dias, porque não quero começar a chorar como um chafariz em dia d'anos do sr. Carlos Pereira.

Ha coisas, durante o periodo de tempo a que aludo, isto é nos *nostissimos dias*, que não são raras por não terem desaparecido nem evoluído, antes pelo contrario — estão na mesma: são o cavalos da Guarda Municipal, ora Republicana, a delicadeza dos policiaes e as primas dos magalas...

Enquanto houver quarteis e cozinhas em casa de cada um, é raça que não desaparece.

—Mas (dirá o caro leitor) para que será tanta prosa, sem abordar um fim que me parece facil.

Facil, não... Vocelencias já viram um pintor, um poeta, um literato, um engenheiro, um *nosso particular e querido amigo* (como dizem os jornais) que deixasse de ter talento? Se o não tivessem, é que seria uma raridade. Mas, para mim, ha três coisas que nos fazem abrir a bôca de espanto, quer em casa, quer na rua. A primeira é um contador ter agua o não marcar aquela que não deita; a segunda, ver um trem de praça; a terceira, uma mulher com o cabelo comprido.

E, se isto não for verdade, se o leitor não sentir uma determinada consação quando tope na rua qualquer destas três coisas que citei, dou licença para que me cortem a cabeça, sem novocaina, o que não será depois uma raridade uma pessoa sem cabeça como o

**José Barbosa.**

## A NOVELA DO "FIXE"

# O IDEAL DAS DUAS MANAS

A vida das duas irmãs era um inferno em tamanho natural. Ambas queimavam a alegria num tal purgatorio de continuos sofrimentos que bem poderia dizer-se, á maneira do sr. Raul Leal, que a sua dôr era uma purga do infinito. Do mal que ambas sofriam ninguem sabia. Apenas o galego da esquina, quando elas passavam, murmurava:

«—Ainda se elas ao menos me quizessem, eu acabava com aquilo.»

Pobre homem. No seu coração de moço de esquina ardia o desejo de fazer um frete áquelas duas almas, carregando com o seu mal a pau e corda.

As duas manas a nada atendiam. Viviam para o incendio do motu-continuo da arrelia.

—O' mana, por favor, cale-se.

—O' mana, mas eu agora não dizia nada.

—Ora! Não dizia, mas dizia muito.

Para evitar questão, uma vez por semana, cada uma armava em dictadora domestica. A outra tinha que obedecer em tudo, até se revezar.

Uma vez por semana tambem, cada uma das manas autorizava-se, reciprocamente, a ter um ataque de nervos, estar á janela duas horas e a fazer uma scena de melancolia, com lagrimas o tudo. Quando uma delas chorava mais do que a conta, a outra invocava os seus direitos de censora e então começava a... cortar.

Nos raros momentos em que estavam de accordo e suspiravam ao mesmo tempo, diziam-se muito coisas.

—Não se pode viver sem um affecto. Isto não durava muito. Logo a mais velha exclamava:

—Pois sim, mas a mana só quer um principe.

—No fale, não fale... E a mana o que quer?... Até o pobre do papagaio, que eu tenho ensinado a dizer que morria de amor, não escapou á sua furia. Inocente animal!

—E a mana o que fez ao gato?! Primeiro, tudo eram beijos, fitinhas, banhos perfumados para o bichano; depois, se não sou eu, matava o pobre animal.

As discussões eram sempre assim, e

às vezes com tamanha violencia que o galego da esquina subia a escada e perguntava se era preciso chamar um medico ou a policia.

O bom homem tirava muito esmorecido por não ter conseguido prestar qualquer obsequio áquelas boas senhoras, murmurando:

«—Santas criaturas. Não beem nada. As teias de aranha já lhes chegaram aos olhos... Ainda se ao menos tivessem sobrinhos...»

As duas manas não tinham ninguem, a não ser as suas birras, que lhes serviam de companhia como pessoas, excepto um gato e um papagaio.

E consumiam-se assim, amadurecendo e secando como ameixas sem sucar. O proprio azedume, ás vezes, distraía-as. Chegavam a ser inocentes crianças nas suas pequeninas picardias.

—O' mana, chegue á janela. Ali vai o principe, o tal que esperou durante tantos anos. Vai dentro dum automovel.

—Ora!—exclamava a outra mana.

—E' um ricaço qualquer.

Outra vez. O principe passeava de avião, e elas troçavam:

—Ora! Um pelintra de um official aviador...

—O' mana! Talvez o nosso principe anda disfarçado no nosso visinho defunto. Ele olha tanto para cá.

—Ora! Um idiota é um medico... Retiravam da janela a rir. Depois, entretiam e acabavam por chamar o gato e fazer muitas festas ao papagaio, e aquella que estava de sem se dava-se ao luxo de um ataque de nervos.

Passaram assim, entre o gato e o papagaio, os anos. Uma tarde em que falavam dos principes que as deviam desposar, e apuzoram-se, tiveram um ataque de nervos ao mesmo tempo, gritaram tanto que interveio a vizinhança.

Um dos visinhos chamou o galego para ajudar a conduzir uma das manas á Misericordia. O galego não estore pelos ajustes e resmungou:

«—Com aquelas velhas eu já não quero nada... Se ficaram para tias, os sobrinhos que as aturem...»

# CANTIGA

## DE IMPROVISO

### Mote

*O' sua descaradona,  
tire a roupa da janela,  
que essa camisa sem dono  
lembra-me a dona sem ela.*

**Herculano Levy.**

### Glosas

Se a sorte não me desanda,  
isto vai de cabo a raso.  
Não coite agua nesse vaso  
que você tem na varanda!  
Põe-se de cabeça á banda,  
com o aspecto de matrona,  
mas o que é? está tão chorona...  
E' que lá tem coisas falsas.  
Esconda as rendas das calças,  
ó sua descaradona!

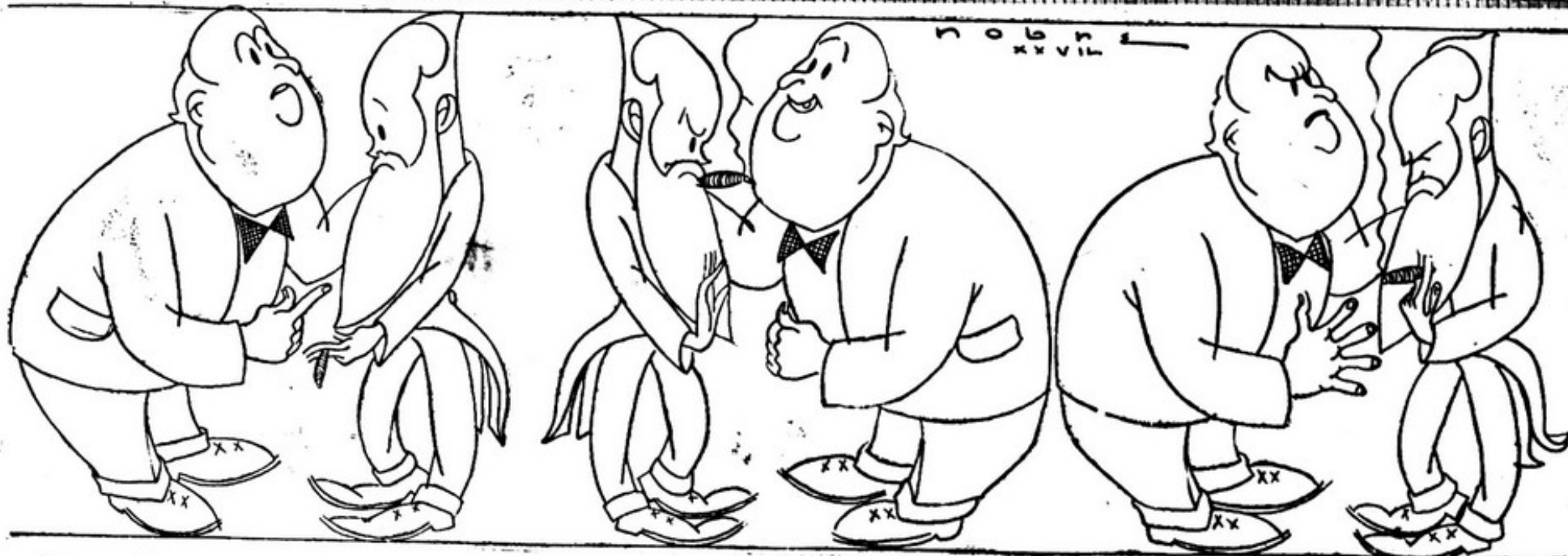
Mas assim não pode ser,  
Você faz má vizinhança.  
Até toda se balance  
só p'ra mo fazer moer.  
E julga que quero crêr  
que você inda é donzela?  
Olha p'r'a carinha dela.  
Que vergonha! E' um vexame!  
Para que é tanto réclame?  
Tire a roupa da janela.

Eu bem sei que é mui galante,  
P'ra que serve a roupa toda?  
Se anda com a cabeça á roda,  
ande á roda e páre um instante.  
Você é tão petulante!  
Não sei a quem se abandona,  
é maldita duma fona.  
Espero ah! Eu admiro  
mais o vê-la nesse giro  
que essa camisa sem dono.

Tanta largura ela tem,  
tantas rendas e entremeios,  
acho-a tão larga nos seios.  
Não sei se lhe fica bem.  
Não vou dizer a ninguem,  
sou qual monge numa cela.  
E se caio na esparrela,  
vou lá, subo agora a escada,  
que a camisa maldadada  
lembra-me a dona sem ela.

### Improviso de

**Joaquim F. de Brito.**



—Sabes, já morreu o Marques!  
—Coitado, passou trabalhos com a mulher...

—Sim. Fartou-se de lhe fazer partidas.  
—Ela é de tal força, que até depois do homem morto...

... mandou-lhe fazer o mausoléu, sabes em quê? Em cimento armado!



**O boémio e os copos**

Um boémio foi um dia convidado para um banquete. Quando os outros convivas tiveram conhecimento de que ele assistiria e faria honra ao repasto, e especialmente aos vinhos, desde logo começaram a antegozar o prazer de o ver abusar sem cerimonia dos preciosos líquidos que haviam de ser servidos. Pela sua parte, o boémio sentia já crescer água na boca só com a ideia de que, no dia do banquete, ia tirar o ventre de miserias, entregando-se a libações sem conta para ele, mas por conta de quem oferecia o banquete.

No dia aprazado, a mesa rebrihava de cristais. Junto do talher de cada um alinhava-se uma verdadeira bateria de copos de todos os tamanhos, desde o minúsculo calice para licor até ao avantajado copo de água.

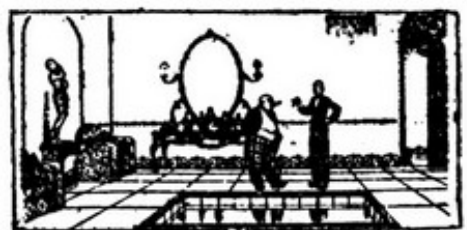
Sentados á mesa os convivas, todos os olhares se fixaram no boémio que, cuidadosamente, ia arrumando e pondo por certa ordem aquela interminável fila de copos e copinhos. Os seus olhos não brilhavam, faiscavam, como se com eles quizesse devorar os proprios vidros, que já tinham tido e haviam de ter, dentro em pouco, os deliciosos nectares.

Servida a sopa e ingerida com toda a sobriedade, um bando de criados, de garrafas em punho, avançou intrepidamente, espalhando-se pela sala e enchendo os copos que cada conviva ia aproximando do gargalo da garrafa.

Quando chegou a vez do boémio, um movimento de verdadeiro assombro tomou toda a assistencia. Com a maior gentileza, sem se precipitar e sem deixar transparecer a menor sofreguidão, apreentou ele ao criado o mais pequeno dos calices. Assombrado, o proprio criado observou-lhe delicadamente:

—Perdão, cavalheiro, isto é vinho de pasto.

—Por isso mesmo, retorquiu-lhe o boémio, sem se desconcertar. Os copos grandes guardo-os eu para os vinhos finos e licores.



O amigo—Magnifica casa de banho. O novo rico—E' verdade. Aqui tomo eu todos os meses um banho geral.



—O que hei-de eu fazer agora com a maquina toda escangalhada? —Não te aflijas, meu filho; porque eu vou mandar chamar o Herbert Dias, do «Modern Office», que a arranja com a maxima rapidez e competencia.

**A historia duns amores infelizes**

OU

**Um pai pombo-correio**

O sr. Torcato Pinto — que por vezes gostava de fazer de galó — era um rapas bem parecido, desoito anos e quatrocentos escudos de ordenado por mês, amanuense no escritorio do dr. A. Boavida, advogado mutuo conhecido no nosso fóro, como elogiosamente diziam as gazetas, e pai de duas filhas lindas como os amôres, capazes de tentarem o proprio S. Bento, apesar de côxo.

Um dia, depois duma causa-crime, o unico crime tinha sido a defesa feita pelo dr. Boavida, este convidou o Pinto a jantar no dia seguinte em sua casa, em companhia da esposa e filhas.

Num segundo andar das Avenidas Novas, em estilo novo-rico. O nosso Torcato Pinto, á mesa, desferrava-se asperamente do meio-jejum forçado a que o obrigavam os quatrocentos escudos mensais, mas deixando sempre, entre duas garfadas, um pouco de tempo para arrastar a aza á Miquelina, a filha mais velha do nosso advogado e seu patrão.

E o caso é que a rapariga gostou d'ele, e o namorico pegou, sucedendo o que sempre succede nestes casos — ella emagreceu, perdeu o apetite, tudo acompanhado de grandes insónias e crises de chôro; ele passava o tempo a fazer versos errados, estrondosamente liricos, no papel timbrado do escritorio. O patrão descompunha-o, zangava-se, mas dahi a pouco tudo tinha passado e, como era amigo do empregado, ia desculpando sempre...

Mas, como Romeu e Julieta, Colombina e Pierrot e tantas paixonetas conhecidas e desconhecidas, a tragedia veio rapida, fria, cortante.

Um dia, uma ordem definitiva, dada em tom brusco, demonstrou que a mãe de Miquelina tinha uma disposição muito especial para sogra. Não quero — afirmou — que continues o namoro com esse pelintra do empregado de teu pai...

Sucedeu o inevitavel em casos destes, segundo os dramas passados no «ecran» do Tivoli. Foram rogos, chôros convulsivos que lembravam as cataratas do Niagara e, para o drama ser completo, tambem houve um ensaio de fuga e tentativa de envenenamento com sublimado e a respectiva lavagem ao estomago num hospital proximo.

Depois da tempestade, a bonança. Depois do desespero, a reflexão. Depois da reflexão, uma ideia peregrina, salvadora, surgiu. Foi d'ele a ideia:

—Acheil... Quem limpa o fato ao teu pai é tu, não é verdade? Pois bem: todos os dias, no fóro do chapeu, encontrarás uma carta minha,

e eu espero receber outra tua... Combinado?...

Tão bem combinado ficou que, no dia seguinte, o pai de Miquelina passou a fazer de carteiro, conduzindo cartas á cabeça, e a pequena diariamente a limpar o fato com um afaço que o pai estranhou, mas do qual não ligou nenhuma ideia especial.

Tragedia principiada é quasi acabada. Quando um amor é infeliz é-o até ao fim.

Talvez por ter muito que fazer, um dia, Venus, a deusa dos namorados, esqueceu-se da protecção que devia á Miquelina e ao Torcato, arranjando as coisas de modo que, nessa tarde, foi a mão dela quem limpou o fato. E' difficil de descrever o que se passou quando viu que, no fundo do «côco» do seu marido jazia uma carta. Logo a suspeita duns amôres illicitos lhe fez levar a mão á testa. Mas não!... A' leitura das primeiras linhas da terna missiva viu tudo. O Boavida mantinha-se fiel á sua consorte, como a inimizada duma sogra ao seu genro. Mas, se ficou socegada em relação ao esposo, não o ficou em relação á filha. E logo que o marido chegou, desfechou-lhe á queimadura:

—Então o menino, agora, serve de correio?...

—E' como lhe digo. Os homens são sempre parvos. Trazer corpos estranhos na cabeça, além do chapeu, sem sequer dar por isso...

Aqui foi de que levou a mão á testa, mas a cara-metado socegou-o, contando o que se passava e arrancando-lhe a promessa de ao Torcato ser dada uma lição severa.

No dia seguinte, o doutor, mal chegou ao escritorio, depois de ter posto descuidadamente o chapeu no cabide, disse ao Torcato Pinto:

—Vou para o meu gabinete fazer uma minuta; como tem demora, se algum me procurar, avise-me...

Ainda o patrão não tinha chegado ao gabinete, já o Torcato, de chapeu na mão, se propunha fazer a extracção da almejada carta, que era a razão de ser da sua vida — como ele tinha lido no «Secretario dos Amantes» e repetia em missivas inflamadas, — quando, por detraz de si, ouviu a voz do patrão, que lhe dizia:

—Era bom, mas acabou-se... Deixei de ser correio...

E as contas ajustaram-se de modo que o Torcato não conta a historia sem levar a mão a um certo sitio, como se ainda o tivesse dorido...

Costa Junior.



—Mé cabo, este home estrespessou a mulher com uma navalha. —Antão você não sabe que os trespasses estão poribidos?

**!! Não queira ficar assim !!**

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos.

FRASCO 8800

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisbon



A produção nacional intensifica-se. Mais uma pelicula do Reporterz Film para o arquivo das movies. *Rito ou Rita?* Isso agora é lá com eles, porque eu não tenho nada com o sexo de cada um e não estou para me meter na contradança da semana passada. O caso é que se trata duma farça em duas partes, em que não assentava mal o nome de *Irrito ou Irrita-se?*

O matrimonio Alves da Costa continua realizando o modelo da fidelidade conjugal. A sr.ª D. Fernanda vai até bem, livre da tirania de Henrique de Albuquerque que, afinal, escapou aos tiros da Eva do Tazi, mas tazi nas tintas para o cinema.

A proposito: um tipografo estomado comeu parte de uma frase na minha ultima cronica. E' claro que aquilo que *Horacio de Miranda tentou implantar sem successo* foi a moda da cartola em Portugal. Quem exhar inutil esta rectificação saiba que todas as pessoas de bom-gosto colleccionam o *Fixe*, devendo ter, brevemente, á sua disposição, magnificas capas ilustradas.

Isto de criticar fitas portuguesas é levadinho da breca. As que me valom são as estrangeiras, porque qualquer cine-gabirú de Los Angeles, mesmo que eu lhe chamo canastra em letra gorda, mandando-lhe um dollar, remete-me um retrato com uma destas dedicatorias ao *old fellow*, que ele nunca viu mais gordo, capaz de lisongear o Modesto Cadeas.

*Pollyanna* (novela de Eleanor H. Porter, adaptada ao teatro por Catherine Chisholm Cushing e ao cinema por Frances Marion, com fotografia de Charles Rosher... como diria o nosso colega J. B. C.), que o T'voli apresenta em sua tela, é uma *pickfordice* em que a endiabrada Mary diminui as suas 12 mais n'igual a 2 radiosas primaveiras, equação do 1.º grau que nem os bachareis em matematica conseguiriam resolver.

Como não tenho palavras para traduzir a minha admiração pela Grande Pequona, faço minhas as palavras de Alguem, publicadas por um nosso quotidiano colega: «Mary Pickford é a mulher-criança, a mulher-enfant, a mulher-menina, com que o mundo gosta de brincar. Quando nos sentimos dentro do campo objectivo dos seus olhos, dos seus dois olhos que parecem mais, que parecem três, que parecem quatro, que fazem doer a vista, como a luz dos *sunlights*, que é bruta como as casas, dá-nos vontade de fazer uma fita, uma fita em cinco partes, — de lhe pegar ao colo, de a amamentar, de lhe fazer festinhas, de fazer *tem-tem*... Mary é a Noiva do Mundo — a Noiva de Nós Todos — como já o foi de Mat Moore, como já o foi de Douglas. Quem não gosta de Mary Pickford é estúpido. Gosta o leitor, gosta o D'Annunzio e gosto Eu...»

*Palaces* é uma fita que o Alexandre de Almeida encomendou ás «Productions Natan», adaptando o romance de St. Sorny, que é uma *sornice*. Jean Durand, encenador, fez o que soube e ponde: — sabe e pode. Huguette Duflos foi a gentil boneca de sempre — boneca e nada mais. Christianne Favier, embora mais mulher, tambem pode ir á *favier*... *pendant que le petit-pot enfile*. Léon Bary entrou como um leão, mas não desmentiu o anexam, pois saiu como um sendeiro. Gaston Norès principia por ser noivo da Huguette, cedo tacitamente a vez ao Léon Bary, e acaba por ser outra vez noivo da Huguette, num pitoresco panorama de carneiros.

Retardador.

Querem lunchar bem e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75

## CANÇÃO NACIONAL

## FADO DA CURIA

## Mote

A estancia da Curia  
tem um sol que nos seduz.  
Como não ha hoje em dia  
é a agua de Andaluz.

## Glosas

Fartei-me de sofrer dôres,  
até andei serumbatico,  
às voltas com o reumatico  
que me fez de varias côres...  
P'ra que saibam, meus senhor's,  
resolvi em certo dia,  
quando a morte quasi via,  
meter os pés a caminho  
e levei o meu corpinho  
à estancia da Curia.

Lá andei d'aqui par'ali,  
meio perdido na feira  
do amigo Matos Sequeira,  
onde lindas coisas vi.  
Durante o dia comi  
petiscos mesmo de truz  
e como um ôdre me puz  
p'lo que o Alexandre meu deu,  
depois de vêr que o céu  
tem um sol que nos seduz.

Vi nas varias diversões  
daquelles terrenos vastos,  
num coche, a Palmira Bastos,  
do Magno que tem caixões.  
O coche tem os braços  
dos tempos da fidalguia  
aonde os dedos torcia  
o bom marquês de Valadas,  
teve fitas tão faladas  
como não ha hoje em dia.

Vi o concurso de beleza  
das provincias lá do norte,  
mas, co'a minha pouca sorte,  
eu piorei com certeza.  
Puz-me depois na pizeira  
e a pensar então me puz  
que a que o urico reduz  
é a tal onde as sopiras  
esperam a vez ás torneiras...  
É a agua de Andaluz!

José Barbosa.

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

## LEILÃO

Em 22 do corrente e dias seguintes, as 11 horas, na estação desta Companhia, em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A n.º 134, de 25 de Julho p. p., do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Acessórias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu debito a Companhia, pelo que terao de dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis, até 20 do mesmo mês, das 10 as 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apollonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 4 de Agosto de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.



Ele: — Já sei que estiveste criticando a moda que eu agora adoptei de andar sem hapeu...

Ela: — Mas isso não é novidade nenhuma. Toda a gente sabe que tu nunca tiveste nada na cabeça...

## Bruxas &amp; Oráculos

Ha quem tenha visto uma bruza om figura real e em sentido figurado.

Duma forma ou d'outra, quem a vê faz sempre linda figura.

Quando Serapio Sepulveda era um rapaz ingenuo, teve uma paixão bastante fosforica por Mademoiselle Caio. A pequena caiu na sua existencia mas ele é que quebrou a cabeça. Ela na realidade era bonita e tinha uma boca que até parecia o pucarinho de barro de Miss Portugal...

O celebre objecto mal fabricado e de boca muito larga era o seu principal atractivo.

Além de possuir o pucarinho, a pequena tinha uma excelente mamã com tendencias para uma possima sogra. A mamã, tendo percebido o fogo daquela paixão, tentou por todas as fórmulas descobrir um novo Minimax para o extinguir. Uma tarde Serapião foi avisado pela sua mãe que tudo que a respeitavel mamã iria no dia seguinte consultar uma tal Dona Constança, anafada e afamada cartomante, com consultorio registado na Rua do Loroto.

Uma ideia luminosa e bastante natural em quem alimentava uma paixão fosforica, passou pelo seu cerebro. Foi no consultorio da Dona Constança, conversou com ela durante hora e meia e, depois de a gratificar primeiramente, saiu, esfregando as mãos de contente.

Passados dois dias, a Mademoiselle Caio caiu-lhe nos braços, chorando de comoção e contando-lhe que a mãe estava mais doce que um rebuçado e só falava no seu proximo consorcio.

Serapião exultou. E' que a cartomante, depois de ensaiada, é claro, dissera á sua futura sogra que ele

era uma excelente rapaz e que tinha um avô que morreria dois meses depois do seu casamento e lhe deixaria a sua fortuna, avaliada em mais de dois mil contos!

A superstição da mãe fortalecera um amor que a superstição da filha havia de derrubar.

Fez-se o pedido de casamento e os dois apaixonados começaram a ter uma certa liberdade que até ali lhes fôra negada. Iam sósinhos aos cinemas, teatros, etc.

Um dia, Serapião foi com a futura esposa a casa duma familia amiga e, depois de tomarem o habitual chá, felou-se de bruxas e oráculos.

Mademoiselle Caio confessou desconhecer o Oraculo de Napoleão e mostrou muito empenho em o consultar. Uma das filhas do dono da casa, possuindo-o e desejando ser gentil para a sua visita, foi buscá-lo. Pergunta dum lado, pergunta do outro e chega a vez da noiva do Sepulveda.

A pergunta que ela fez foi esta: «—Casar-me-hei brevemente?» Consultou o Oraculo e este respondeu:

«—Sim, se obrardes com um certo cuidado.»

Ao obter tal resposta, mademoiselle Caio, entre sorridente e admirada, diz em voz alta:

«—E' espantoso como este Napoleão soube que eu soffria dos intestinos e obrava com dificuldade?»

Confusão na assistencia e em seguida uma unisona gargalhada.

E Serapião, que ignorava aquêle detalhe da vida intima de sua noiva, ali mesmo fez uma scena dos diabos e no outro dia escreveu uma carta á familia Caio, dando por nula a sua promessa de casamento!

Recix.

## TOIROS DE MORTE

«Touros de morte?! Convoque-se a Liga Pró-Animais!», disse alguém que vai ao boz e vai á caça nos pardais...

O «ring» e a arêna... Resta saber de que mais te ufanas entre um homem, uma bêsta — e duas bêstas humanas.

Quem das touradas mal pense, que venha á praça e discuta se o homem vence ou não vence, pela arte, a 'era bruta!

Tocai lá nas vossas burpas, sentimentais ao luar... Não vos meteis com as farpas — que vos podem farpear.

Matar touros?! disparatam, com pena, os seus defensores... —Touros de morte que matam, ás vezes, os matadores!

Porque dos bois te condois, se dos bois não finda a raça? Ha por ahi tantos bois que nunca foram á praça!...

Touros de morte... Com pena haja embora quem regougue! Os touros morrom na arêna bem melhor que no açogue.

Fronte ao touro, o matador diz, saudando, a sua amada: «—Of'ço a Arte ao Ambr — na ponta da minha espada!»

Armando Neves.

## GRANDE GARAGE UNIÃO, L.da

A unica que possui melhores accommodações a preços reduzidos

Venda de oleos, gazolina e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U.

no Auco do Cego; Tel. 994 N.

## VESTIR BEM

Farrobo, rei que foi da Elegancia e a quem a Natureza deu defeitos aparte do talento os grandes feitos, o bem vestir dobrou-lhe a importancia.

Entre a riqueza o dom em ezuberancia dos trajos, nos Sorões, arqueavam peitos e, dum ohumaço, d'homens imperfeitos, satam feminis amor's em ancia.

Dos tempos que lá vão ainda é o côrto dos mestres afamados a maneira d'impôr, num homem, linhas de bom porte.

Assim veste Lisboa toda inteira da casa que é de todas a mais forte, mais chic e sem rival—Pinto & Silveira.

Reporter B.

## Pinto &amp; Silveira

ULTIMOS MODELOS

Alfaiates para homens e senhoras

145—Rua do Ouro—149

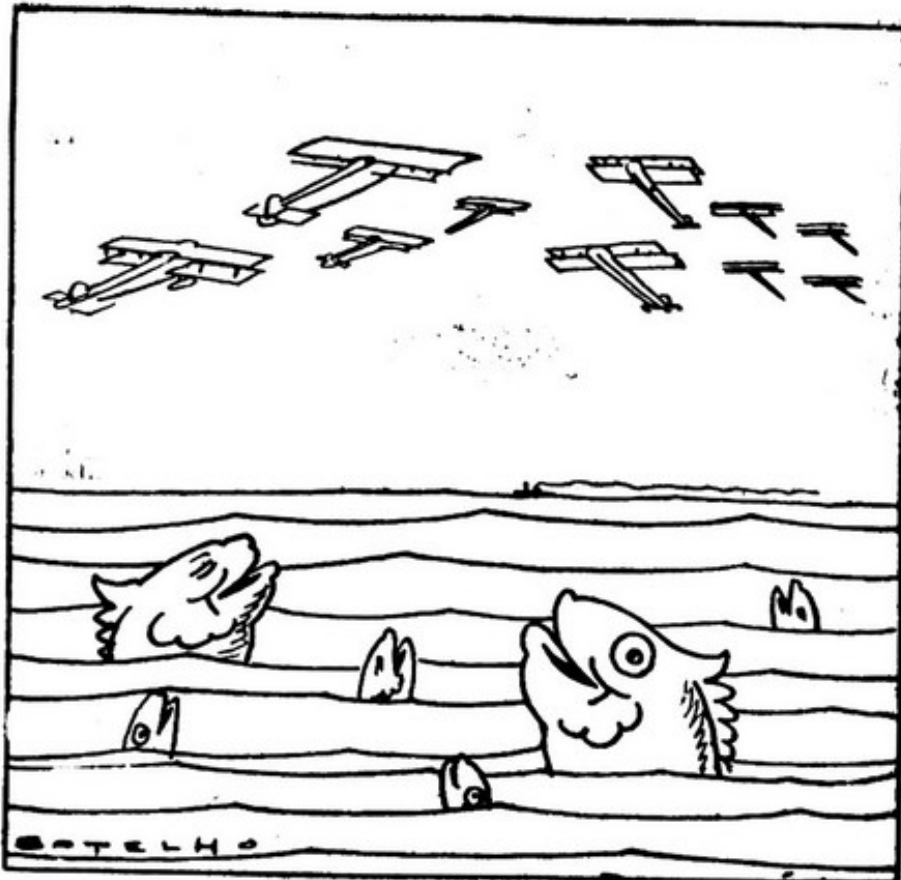
A ALFAIATARIA MAIS BLEGANTE DE LISBOA

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

## LINDBERGHICES



—Ralem-se... O que ainda nenhum chegou foi aos calcanhares do Gago!



# Desportos

## O «BLUFF» NO «BOX»

Campos Junior, director de *O Volante*, revista automobilista, foi á Curia, mas, com a preocupação de dizer mal de tudo e de todos, para atingir um dos directores do A. C. P., não chegou a ver as corridas de automoveis. Segundo lêmos na sua esplendida revista comercial, o que mais falta lhe fez foram os telefones.

Realmente, não é admissivel que os organizadores se tenham esquecido de instalar uma cabine para Campos Junior telefonar para Lisboa, ao Pavão, que ficou encarregado do placard do Camões, dando os resultados de minuto a minuto. Se não fôsse a mania da perseguição, o Moniz Pereira tinha-lhe arranjado um funil em forma de... *haut-parleur* e o nosso Campos annunciaria que o *Dunlop* é o melhor pneu, o *Castrol* o melhor purgante, o *Auburn*, com as suas sete ligações ás longarinas, é o melhor automovel, e o João Ramos o melhor amigo.

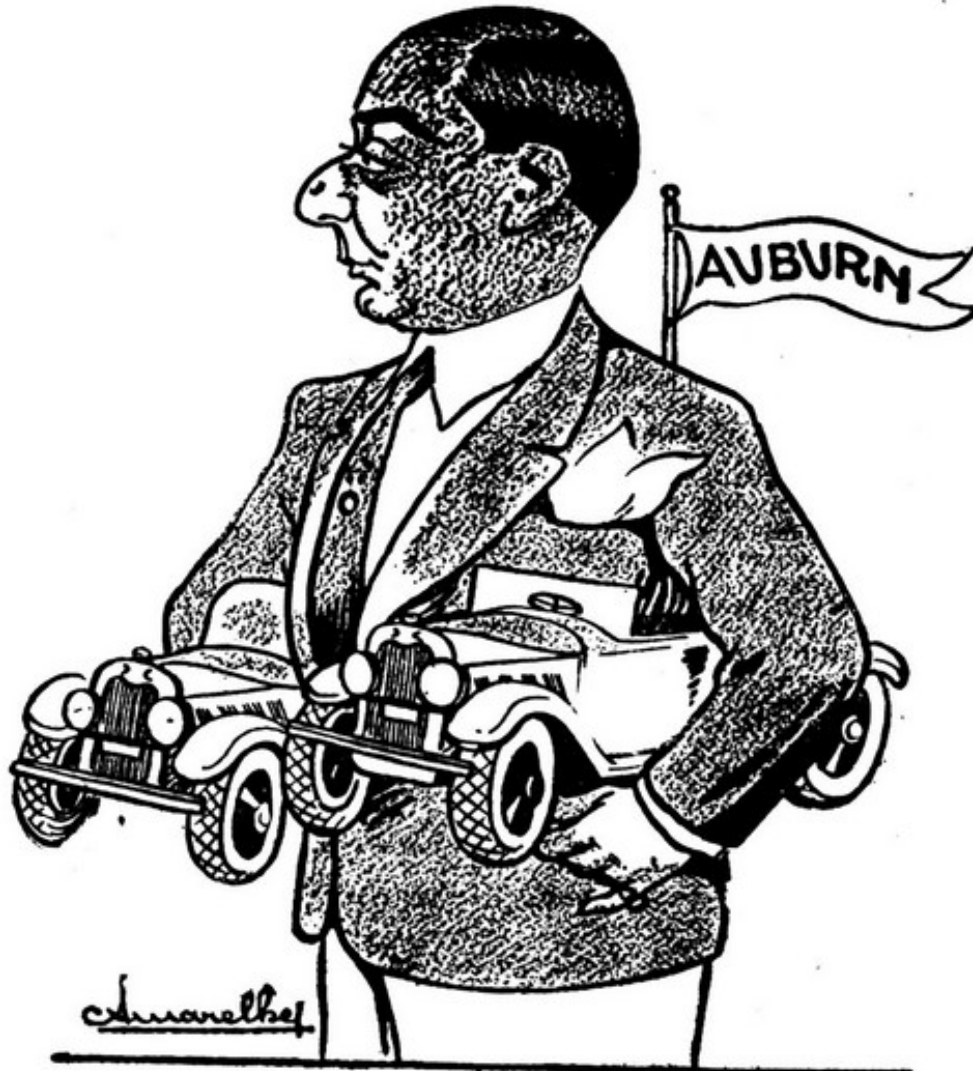
Nã desanime o director de *O Volante*, porque na organização da *Volta a Portugal* está tudo previsto e, em vez de postos da benevolita Cruz Vermelha, o nosso amigo João Lobre Seabra, da Curia, promete instalar em todo o percurso postos com o magnifico vinho espumoso da Bairrada, que lhe ha de dar alento para fazer uma reportagem comercial bem mais interessante que o Circuito da Curia.

\*\*\*

No livro recentemente publicado: *Boxing*, da autoria de Rafael Baradas—há um capitulo interessantissimo que se intitula:—*Como deve conduzir-se o combats*.

E' uma lição completa para seguir á risca no ring. Dela damos uns extractos, para que se possa fazer uma ideia:

«Boo o gong. Levanta-te e vai con-



**João Ortigão Ramos**

«Auburn», que já tinha 7 ligações ás longarinas, conseguiu a 8.ª, nomeando seu gerente em Portugal o «Az» da Elegancia Negra!

fiantes até ao adversario, bem guardado e á vontade, sem contracções da menor especie.

«Ataca-o primeiro, mas cuidadosamente, com socos que tenham só o fito

de o obrigar a mostrar o que ele pode fazer de importante.

«Fingirás que vais bater com a direita, simulando pelo fechar da mão e por um leve mover do braço que assim

procederás, mas a que parte é a esquerda.

«E' excelente fingir cruzando a direcção, ou antes, fingir um directo ao coração e bater em *hook* ao queixo e vice-versa. Depois ameaças com o teu esquerdo o estomago e tocas na cara com a direita.

Como veem, é facilissimo subir a um ring. Em dois dias, decora-se este Padre Nosso e depois é repetir a lição.

Mas imagine-se que o adversario tambem aprendeu a *boxar* pelo mesmo sistema! Das duas: uma. Ou nenhum dos adversarios consegue bater, ou ficam ambos *knock-out* ao mesmo tempo.

A não ser que esse processo de conduzir o combats não passe de pugilismo empirico... Porque então compreende-se:

- «Levanta-te e vai confiante...»
- «Ataca-o primeiro...»
- «Fingirás que vais bater...»
- «Depois ameaças com o teu esquerdo...»
- «Etc., etc., etc...»

E, se no fim disto tudo levers alguma pelas trombas, queixa-te de ti proprio, que és trouxa...»

\*\*\*

A aviação portuguesa vai efectivar um grande torneio desportivo, com concursos de aterragem, arobacia e pára-quedas.

Preguntavam, outro dia, a um concorrente, se tinha confiança no pára-quedas.

- «Absoluta!»—afirmou c'o.
- «Mas... se o pára-quedas não se abria?..»
- «Ponho o pé em terra ainda mais depressa.»

**Rebela-A-Beia.**

## JORGE, O ELECTRICISTA

OU

### O plantador d'eucaliptos na Jamaica

(Romance d'aventuras antifibias)

Original de M. A. Saco Velho

#### Capitulo XV

Miss Cheviot, desejando corresponder á gentilosa de Pikles, que, como dissemos no capitulo anterior, lhe aceitara um soneto arrepiante, cantou uma *badalada* de amor, do maestro *Fius-ó-clock*, mostrando-se cultivada na arte do bel-canto e ser uma boa amadora de Queluz; e tão embalados estavam naquele engano d'alma que nem um nem outro ouviu três pancadas na porta, as quais se repetiram quasi sem interrupção. Pikles, supondo tratar-se do criado, correu o fecho, deparando-se a condessa de Poisson d'Épé, hirta, magoçosa, palida, ostentando uma deliciosa *toilette* á Maria Stuart Car-

valhais e nos olhos a *colera morbus* das grandes ocasiões.

Pikles recuou aterrado, e o seu primeiro movimento foi deitar a mão a um frasco de pepinos em vinagre, mas Miss Cheviot, que se apercebeu da intenção do sedutor, evitou uma *mayonnaise*, deitando a mão ao pulso de Pikles, que naquele momento marcava 38,7 á sombra.

Sobre a mesa, fumegava ainda um lem tostado capão e queijo.

A condessa fulminou com o olhar Miss Cheviot, que rompeu num choro convulsivo, limpando as lagrimas a um lenço de *pongé* com *rondas d'ágá* e, dirigindo-se a Pikles, exclamou:

—E' assim que procede um *gentleman*!

Pikles, desconcertado, balbuciou alguns termos e *Colares* que já não foram ouvidos pela condessa, que desceu rapidamente a escada em *caracol da Penha*.

Miss Cheviot, lavada e depois enxuta do pranto que ventera, invectivou *Mixed*, ameaçando-o com uma indemnização de perdas e danos; porém o centenário, que tambem era formado em direito e ao mesmo tempo era tórto, retorquiu-lhe citando o artigo do Codigo do Tribunal dos Pequenos Delitos, que absolve o reu

quando não provocou dano á ré ou á próa e não teve intenção criminosa ou má-fé, esperança e caridade.

#### Capitulo XVI

Lim-Pó-Pó e sua esposa, querendo significar a Jorge e á dactilografista o seu reconhecimento, foram no dia seguinte pagar a visita. O velho domador de serpentes presenteou Jorge com um vaso, no qual vinha uma bonita planta do *rez-do-chão*. A Mademoiselle Plisse ofereceu um interessante *pica-pau* do ar, ave rara, que só se alimenta de bichos de contaa correntes e de lagartas das péras electricas *Fumpas Duarte*.

Lim-Pó-Pó trazia um vistoso casaco enfeitado. Dum lado tinha uma banda de musica; na outra banda, uma fila de rosas-chá verde. Jorge notou que ele tinha unhas de fome bem tratadas.

Madame Lim-Pó-Pó vestia uma rica *toilette* do tempo do Imperio e do *Carcavelinhos*, bordada a escamas de besugo com rodas de limão. Trazia para Mademoiselle Plisse um *puding* de pevide e um frasco com *compota de néspere*, tudo feito por ela. Acompanhava-os um *cão* de raça e outro de *cambráia*.

Jorge e a dactilografista mostraram-

se muito sensibilizados com a delicadeza de Lim-Pó-Pó e sua esposa, ofertando-lhes em compensação uma rochunchuda abobora... menina e um belo exemplar de rosa enfeitada. Mademoiselle Plisse conduziu as visitas para a cabana, onde lhes foi servido um delicioso *chá-orango-tango*, porquanto o chimpanzé era quem fazia as vezes de criado de mesa, comportando-se com a maior linha de casenis. Após o repasto, os quatro encaminharão-se para debaixo duma sombra-sol, onde deram começo ao jogo do *padre-cura*, por sugestão, seguindo-se os cinco cantinhos (o macacão ficava sempre no meio), a cabra-cega, o chicote queimado, o gato e o rato. Jogaram depois as cartas, mostrando-se o chimpanzé exímio no burro em pé e no diabrete. Lim-Pó-Pó fez algumas sortes de prestidigitação, fazendo desaparecer o rei e aparecer em seu lugar o dr. Afonso Costa, o que agradou imenso a Jorge, que era democratico da direita alta. Seguiu-se um jantar de *castão com fajanhas*, arroz de minhocas, espargos com manteiga de cacau e bifes de atum em salmoira de Silves, *puding* de Flan-nela, bananas e queijo flamengo á meia noite.

(Continúa.)



- Porque ma ou a sua mulher?
- Porque ela me atraía...
- E apanhou-a em flagrante?
- Sim, senhor. Atraz deste biombo agora mesmo.



- Ôi, já viste? A nossa directora cortou o cabelo mais curto do que o nosso.
- Não admira, no ano passado tinha quarenta anos, e agora tem 38..



- Então teu marido não veio á fouraça?
- Não, mete-lhe impressão vêr morrer os cornupetos...



- Não bebas mais champanhe que te entortas.
- Oh! filho, é para vêr se tu te endreitas.